

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Tereza Cristina Osti Pereira

**No mundo das minhas colagens:** que biologias nascem?

Ilha de Santa Catarina

2026

Tereza Cristina Osti Pereira

**No mundo das minhas colagens: que biólogias nascem?**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Graduação em Ciências Biológicas do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador(a): Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães

Ilha de Santa Catarina

2026

Pereira, Tereza Cristina Osti

No mundo das minhas colagens: : que biologias nascem? /  
Tereza Cristina Osti Pereira ; orientador, Leandro  
Belinaso Guimarães, 2026.

40 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências  
Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas,  
Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Colagem. 3. Letramento  
político. 4. Cartografia. 5. Ensino de biologia. I.  
Guimarães, Leandro Belinaso. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III.  
Título.



Colagem feita por mim (2024)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) por ser a instituição que torna possível que este trabalho seja realizado e publicado. Espero que em muitas gerações ainda tenhamos acesso ao ensino público, gratuito e de qualidade. Reconheço também todos os profissionais que fazem a universidade existir - professores, TAEs, discentes da pós-graduação e muitos outros -, além dos trabalhadores de empresas terceirizadas que constantemente têm seus direitos feridos em meio à precarização de seus empregos.

Ainda na UFSC, agradeço ao CABio, GEABio e Coletivo Feminista da Biologia: Mitia Bonita por me ensinarem tanto em tão poucos anos. A luta pelos direitos de todos seguirá comigo, mesmo fora da universidade.

Aos colegas e amigos do 306B (agora 304 4) e agregados, Laura, Wind, Arthur, Clarissa, Luiz, Amanda e Rafael. Vocês acompanharam a outra parte de mim, parte essa que vocês ajudam a melhorar. Obrigada por estarem comigo nas noites de jogos, nas assembleias do apê e nas saídas à praia. A vida é mais bonita com vocês por perto. Menciono aqui também meus amigos da graduação, alguns já formados, outros que conheci durante este período: Maria, Estela, Gaby, Madu, Bê, Nati, Iroko.

É imprescindível escrever um agradecimento especial ao meu orientador, Lê. Tantas coisas que passam pela minha cabeça quando me encontro com você pela primeira vez na Livros & Livros, e a que marca mais profundamente é quando percebo que você decide me orientar (e é realmente assim que me sinto quando conversamos; orientada). Minha cabeça é um labirinto de palavras soltas e imagens desconexas, e com frequência nossas reuniões me ajudam a fazer sentido disso tudo. Obrigada e obrigada. Você é uma alma sensível e única, e me sinto honrada de ser uma orientanda.

Agradeço à banca que pôde estar presente de corpo e alma para a leitura e avaliação deste trabalho.

Meu companheiro de jornada e de vida, Davi. Sempre achei curioso como seu nome, trocando as sílabas, fica “vida”. Já trocamos tantas cartas com palavras bonitas, e hoje, escrevendo este agradecimento, me vejo sem o que dizer.

Todos os clichês se aplicam quando o assunto é você. Obrigada pelo apoio incondicional, pelos puxões de orelha quando necessários e pela capacidade que só você tem de me acalmar. Tudo em você exclama *amor!* e eu transbordo com você.

À minha avó materna, da qual herdei o nome. Exige-se coragem para ser tão bondosa quando a senhora.

E, por fim, agradeço aos meus pais, Cíntia e Jonas, que tornam possível que eu esteja aqui hoje. O que eu mais ouvia quando era pequena era que eu “deveria estudar muito”, e hoje, estudando muito, posso dizer que vocês estão certos. Não cabe em palavras o quão grata sou por ter tido vocês dois como pais. Vocês fazem com que eu acredite que o amor pode superar qualquer obstáculo da vida.

*Nós somos militantes políticos porque somos professores e professoras. Nossa tarefa não se esgota no ensino da matemática, da geografia, da sintaxe, da história. Implicando a seriedade e a competência com que ensinemos esses conteúdos, nossa tarefa exige o nosso compromisso e engajamento em favor da superação das injustiças sociais. (FREIRE, 2004, p. 54)*

## RESUMO

Esta é uma pesquisa cartográfica elaborada como Trabalho de Conclusão de Curso vinculado ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Santa Catarina. O trabalho propõe uma reflexão sobre como as vivências e os processos formativos vividos dentro e fora da universidade, por meio de colagens fotográficas, tecem uma bióloga e educadora. Trazendo o histórico do surgimento da colagem feminista, a pesquisa discorre sobre suas raízes e sua influência durante momentos de ativismo no âmbito dos movimentos estudantil e feminista, e abre perguntas sobre a importância do letramento político na formação de professores no ensino de Ciências e Biologia.

Palavras-chave: Colagem. Cartografia. Letramento político. Ensino de biologia.

## **ABSTRACT**

This is a cartographic research developed as a Final Course Project, linked to the Bachelor's Degree in Biological Sciences at the Federal University of Santa Catarina. This research explores how experiences and formative processes cultivated inside and outside the university, through photographic collages, can influence a graduate student through her journey as a biologist and as an educator. By tracing the history of feminist collage, the research examines its roots and its influence during moments of political activism within the student's movement and feminist movements, and then reflects on the importance of political literacy for the education and practice of teachers in Science and Biology education.

Key-words: collage, cartography, feminism, political literacy, biology teaching.

## SUMÁRIO

<b>1. RECORTA.....</b>	<b>9</b>
1.1. MOVIMENTOS TECTÔNICOS.....	10
1.2. NÓ ATADO.....	12
<b>2. COLA: RECORTES DE UM MAPA.....</b>	<b>14</b>
<b>3. SECA.....</b>	<b>20</b>
3.1. REVISTAS ANTIGAS.....	20
3.2. COLAGENS/COLETIVOS .....	27
3.2.1. Greve: é de quem?.....	27
3.2.2. Aurora do dia (Sala Lilás).....	32
<b>4. EXPÕE .....</b>	<b>38</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## 1. RECORTA

Escrevo e apago minhas palavras. Sussurro ideias para mim mesma e as aprimoro dentro da minha cabeça, e por falta de costume, não as registro fisicamente. Visito possibilidades esquecidas e as reformo. Recorto partes abstratas do que pensei e as colo com o que me é dado, e assim, surge este trabalho: em meio a recortes de um ser biológico, cola líquida branca para juntar os capítulos da vida e uma pitada ou outra de história.

Quando me perguntam “quando você era pequena, o que queria ser quando fosse adulta?” me lembro do exato momento em que soube a resposta. Me vejo na sala de minha antiga casa, em frente à televisão, fita-cassete do filme “Procurando Nemo” chegando ao fim. Minha mãe ao meu lado, enquanto eu digo “quando eu crescer, quero ser quem estuda os animais do filme.” Ou algo do tipo. Eu tinha cerca de quatro anos, possivelmente.

Depois descobri que os animais do filme eram, majoritariamente, animais marinhos, e que além das pessoas que estudam os animais marinhos, existem pessoas que estudam também as árvores. Aí eu quis ser isso também, mas ainda não havia um nome para essa profissão.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, alunos do 9º ano foram até a nossa turma e disseram que fariam uma cápsula do tempo sobre as nossas profissões escolhidas. Lembro de saber o que queria ser, mas como ainda não tinha condições de nomear, desenhei o Nemo e a Dori. Não posso dizer que fim deu a cápsula, e sei também que não segui os peixes ou os pássaros do filme durante muito tempo. Quis ser muitas coisas, mas nada me prendeu tanto quanto a magnitude de conhecer a profusão de formas de vida neste planeta.

Mudo de escola no Ensino Médio. Os três anos que se passaram não me trazem boas memórias, com exceção de um ou outro professor. Reconheço hoje que muitas feridas se abriram neste período e que, aos poucos, dou conta de fechar. No último ano, chego a me inscrever no ENEM, mas não obtenho pontuação suficiente para entrar no Ensino Superior (felizmente, pois não acho que teria sobrevivido à universidade entrando nela aos 17 anos de idade). Em 2016, ano seguinte à minha formatura, inicio meus estudos em um cursinho pré-vestibular popular, que fica no centro da cidade. Sinto o leve sabor da liberdade de poder ir e vir, criar minha própria rotina. Faço amizades, conheço ótimos professores que me inspiram ainda mais a estudar - e a essa altura, não tenho mais certeza se ainda pertenço aos estudos dos seres vivos ou se mudo de rota e curso História. No segundo ano de cursinho, bato o martelo: Biologia.

### 1.1 MOVIMENTOS TECTÔNICOS

Não é raro ouvir de colegas que “licenciatura não era minha primeira opção”. Eu, inclusive, faço parte desse público. Com exceção de alguns momentos na infância onde um quadro pequeno e um giz eram minha diversão, até meados de 2022 não considerei a licenciatura como foco principal da minha graduação. Acreditei não ter “afinidade” com crianças (como se tal coisa existisse), e apesar de ser considerada uma pessoa comunicativa e eloquente – qualidades essas que podem facilitar o trabalho de um educador, posso dizer que uma parte de mim não queria se sujeitar ao trabalho de professor, justamente por saber das imensas dificuldades da profissão.

Meus objetivos no curso de Biologia eram de me tornar uma bióloga de campo, preferencialmente na área de zoologia marinha. Pensei que, apesar de entrar no curso de licenciatura, ainda poderia traçar meu caminho até o mar.

Mas ao chegar na ilha de Florianópolis, em 2018, onde tudo me era estranho, a sensação de solidão e desencontro comigo mesma tomaram conta de mim durante longos anos. Apesar de ter encontrado colegas que

compartilham ideais próximos aos meus, aproximando nossas lutas e demandas por uma universidade e futuro mais justos, todos pareciam bem sucedidos em suas respectivas áreas de pesquisa, enquanto eu seguia (e ainda sigo) tateando meus arredores sem me delongar muito em um lugar só.

Pude experimentar diversas áreas durante a graduação. Participo de maneira voluntária em laboratórios de zoologia (o que fez com que eu percebesse que minhas ambições relacionadas à ser uma bióloga de campo eram, minimamente, equivocadas), fico quase dois anos como bolsista de um projeto de extensão focado no manejo de resíduos sólidos no Colégio Aplicação. Faço parte do Centro Acadêmico da Biologia (CABio), do Coletivo Feminista da Biologia: Mítia Bonita, me entrego às greves e mobilizações estudantis que ocorreram entre 2018 e 2019, contra o “governo” Bolsonaro e o Future-se<sup>1</sup>. Fiz sentido de minha presença na universidade e me cerco de pessoas que podem compartilhar vivências e saberes comigo.

E então veio a pandemia. Gostaria de ter alguma coisa boa para lembrar desses dias que nos parecem tão distantes, mas tudo o que a pandemia me presenteou foi um atraso na minha graduação e muita, mas muita solidão. Na época, tive de ir morar sozinha - não por decisão minha, e sim porque todos meus amigos voltaram para as casas de seus familiares e eu, por motivos pessoais, não queria retornar. Não me adaptei às aulas online, cancelei quase todas as disciplinas que me propunha a fazer, e as que eu consegui terminar passei por um triz. Evitava ler as notícias do dia. Me sufocava a Internet, o isolamento, a realidade. Nada parecia no lugar, e não estava mesmo.

Uma das coisas que nos resta quando nos sentimos incapazes de mudar qualquer coisa no mundo é *criar*. Volto a submergir na arte. Busco me inspirar no que ainda faz sentido: a resistência da empatia em meio à tanta barbárie. Leio,

---

<sup>1</sup> Projeto de lei proposto pelo Ministério da Educação no ano de 2019 com o objetivo de captar recursos financeiros do setor privado para os Institutos Federais de Educação Superior (IFES).

escuto, penso. Retorno às colagens não pela quantidade absurda de tempo livre que a pandemia infortunadamente deu para as - privilegiadas - pessoas que puderam viver em um isolamento social e solidário, mas porque necessito ressignificar o que me foi dado como realidade.

Se o real não me cabe, recorto e reconstruo o que posso.

## 1.2 NÓ ATADO

A vida frequentemente nos faz caminhar por trilhas inesperadas. Ao voltar da pandemia, em abril de 2022, me vi dentro da universidade, mas completamente afastada do ambiente acadêmico, sem conexões, em jornada tripla - trabalhando dois turnos e estudando de noite. Apesar de ter sido um momento fisicamente desafiador, é nele que descubro uma nova paixão: o mundo das crianças. Começo num emprego como auxiliar de classe de uma turma de crianças de 3 a 4 anos, sem experiência na área, mas com vontade de aprender. Não acho que seja possível explicar para alguém sobre o encantamento pela vida que as crianças têm. É ali que recupero a esperança na vida que a pandemia havia removido de mim. O impacto da nova descoberta foi tão grandioso que quase desisti da Biologia para seguir os caminhos da Pedagogia.

Quase dois anos se passam, e chega o momento de escolher um tema para meu trabalho de conclusão de curso. Atraso essa decisão o quanto pude, por medo de traçar um caminho do qual me arrependeria e não teria mais como voltar devido a imposições e pressões feitas por mim mesma. Apesar de ter passado por diversas áreas do curso e permitir que todos os espaços nos quais percorri me marcassem de alguma maneira, não sentia caber em nenhum deles. Um desespero se instala em mim e penso em todas as opções - inclusive desistir da graduação, ideia que brotou em mim há

mais de ano. Já cursava a disciplina de Projeto de TCC e uma bomba relógio se armava. Ao menos esta era a minha sensação.

É neste cenário que conheço meu orientador, Leandro (carinhosamente chamado por seus orientandos de Lê). Foram muitos encontros e reuniões para que eu me sentisse segura com a pesquisa que começava a se desenhar, e sinto, hoje, que ainda me aproximo dela, e com muita cautela, como um gato arisco de rua. Quando penso em escrever sobre minhas colagens, vejo que não posso *apenas* falar sobre colagens. É necessário falar também sobre o que me motiva a criar, as inconformidades nas quais a arte surge e quais caminhos uma artista pode percorrer e, ainda assim, conseguir voltar para casa. Neste trabalho, passo pelos momentos anteriores ao meu ingresso no curso de Ciências Biológicas, pela minha graduação – que também foi transpassada, integralmente, pela pandemia de COVID-19 , e, por fim, chego aos anos finais do curso que me trazem até aqui.

## 2. COLA: RECORTES DE UM MAPA

No meu quarto guardo meu arsenal de colagista. Uma caixa organizadora com cerca de 35 revistas, pastas com recortes, estilete, mesa para corte, papel para desenho, cola, tesoura, lápis e canetas. Nunca gostei de fazer colagens no meu quarto; sempre optei por mesas maiores, onde posso espalhar meus materiais sem preocupações de falta de espaço ou rotações de materiais.

Levo meus materiais para a sala, onde tenho uma mesa de seis lugares e uma boa iluminação para começar. Primeiramente, o papel: sempre dou preferência ao papel de desenho e pintura, com a gramatura de folha maior, pois suporta melhor a quantidade de cola (geralmente líquida) e evita com que o papel se curve ou rasgue com facilidade.

Apesar de ter pequenos envelopes improvisados para armazenar os recortes já prontos (recortes esses provenientes de minutos distraídos folheando páginas de revistas, em busca de uma imagem, frase ou porção de página que chame meu nome), guardo também recortes que foram pensados para uma obra, mas que acabaram sendo "descartados" daquela colagem inicial. Esses são os meus favoritos: o potencial do quase, a possibilidade de fazer parte mas já ser.

Para o surgimento desta pesquisa, busco a cartografia como metodologia. Assim como na criação de uma colagem os recortes se movimentam no papel em branco, o método cartográfico se apoia nas múltiplas possibilidades de caminhos que uma pesquisa pode tomar. O uso do processo cartográfico como prática investigativa tem suas origens na coletânea de cinco volumes dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, intitulado *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Em sua obra, os autores emprestam o termo *rizoma* da botânica, noção que significa “tipo de caule subterrâneo, geralmente

horizontal, emitindo, de espaço a espaço, brotos aéreos foliosos e floríferos; dotado de nodos, entrenós, gemas e escamas, podendo emitir raízes” (VIDAL;VIDAL, 2006, p. 102).

Dentro dessa proposta, os autores trabalham uma contraposição ao modelo-árvore de pensamento. Enquanto a imagem da árvore se impõe como um sistema centralizado de pensamento, enraizado e fixo, o rizoma aparece como ramificado, descentralizado. Para compreender melhor a noção de rizoma, os autores enumeram seis princípios conceituais - e é no quinto princípio que a cartografia aparece:

[...] o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói [...]. O mapa é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social [...]. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 22).

No contexto de Deleuze e Guattari, o pensamento rizomático se propõe a trabalhar com o entre: a vivência entre o pesquisador e seu território de pesquisa; o entrecruzamento do pesquisador com a sua obra, seu objeto de pesquisa. Busca-se desvios, erros, inexatidão de seus caminhos, resultando em encontros ao acaso. Sobre encontros, Costa (2014, p. 72) comenta que “se pudéssemos apresentar um elemento fundamental para uma prática cartográfica, este seria o encontro.”

A cartografia pode ser pensada como o desenho que se faz em movimento, que acompanha o andar do cartógrafo. Ao registrar o caminho, criam-se novas possibilidades, novas entradas e novas saídas; novos lugares, novos encontros e principalmente novos territórios. Pode-se caracterizar a cartografia como um campo procedimental de investigação que possibilita a participação direta do pesquisador como protagonista de sua pesquisa. Tanto o objeto quanto o sujeito estão lado a lado no processo de descobrimento; o conhecimento é tido como criação e a pesquisa é compreendida sempre como intervenção (ROMAGNOLI, 2009).

Não há fórmula matemática para uma colagem, muito menos regras ou pré-conceitos de harmonia e simetria (apesar de ser possível alcançar esses parâmetros dentro dela). A colagem é o agora, o instante da tentativa e a falha sem medo da repetição. Ela, por vezes, dá destaque ao que outrora estaria apagado: um fundo, uma letra esquecida, alguém borrado na paisagem. A atenção à miudeza é o que me fascina. Enquanto bióloga, percebo que meus olhos raramente se fixam em apenas um ponto; viajo pelas árvores em busca de insetos, pelo chão à procura de flores, ou pelo céu para encontrar os pássaros. Acredito que a colagem representa, enquanto método, tanto o olhar-biológico para o mundo, como também a forma como o mundo nos toca, assim como o método cartográfico. Segundo Kastrup et al. (2019, p. 32), a cartografia de Deleuze e Guattari (1995)

[...] visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim (KASTRUP, 2009, p. 32)

Com meus recortes espalhados pela mesa, começo a caça por elementos que possam combinar entre si em cima do papel; um castelo europeu, uma vinícola, um pedaço de uma imagem de oceano. Arranjo os recortes de maneira a criar um jardim e um lago, primeiro colocando o lago à esquerda e o jardim à direita, mas logo troco a localização dos dois e organizo o lago atrás do castelo e um grande jardim à sua frente.

Por conta da maneira como recortei as peças deste quebra-cabeça insolvível, organizo as imagens de diversas formas antes de escolher a estética que mais me agrada. É preciso perder-se, procurar outros caminhos e criar a desordem para organizá-la novamente. Sobre a colagem e a desordem, Mendes (2010) comenta que “a fotomontagem implica uma desforra, uma vingança contra a restrição de uma ordem do conhecimento. Antecipa o ciclo de metamorfoses em que o [ser humano], por uma operação de síntese da sua inteligência, talvez possa destruir e construir ao mesmo tempo.” (MENDES, 2010, p.36).

E então, penso no fundo. O fundo, quando existente, tende a ser uma imagem que toma maior parte da folha, geralmente com menos detalhes individuais e mais homogeneidade na sua composição (por exemplo, um campo de flores, um céu azul, uma imagem com fundo uniforme). Uso meia folha de papel para desenho, escolho a imagem de uma prateleira com diversos vasos de plantas, pois cabe quase que perfeitamente no meu canvas.

Com frequência, me vejo deixando espaços vazios em minhas colagens; há espaço para mais elementos, outros materiais, espaço para crescer dentro de si mesmo. Desta vez não é diferente: o lado direito da folha permanece vazio durante muito tempo, apenas *estando*. O vazio dá espaço para pensar, para planejar e para improvisar também, dá espaço para imaginar o que poderá vir ou poderá não vir.

Tenho o costume de guardar todos os pedaços de revistas que me sobram, principalmente os de cores que me chamam atenção. Encontro, em meio aos recortes "médios" que possuem também seu envelope próprio, faixas de uma página verde floresta, que mais parecem uma moldura para um quadro. Corto as tiras ao meio e as posiciono de forma que haja uma quebra na moldura. A ruptura, em contrapartida da continuidade do papel, também tem seu espaço na obra. O tom verde da moldura da colagem complementa os vasos de planta no 2º plano, e me parece que minha viagem está chegando ao fim.

Mas ainda me falta algo. O que é que eu preciso dizer? No fundo, não digo nada. Não há um objetivo claro para minha criação, pois não se limita o que não há limites. Abro o envelope de letras e números, onde guardo exatamente o que o nome sugere: frases, datas, variantes de tipografia que um dia pensei serem úteis. Não direi que guardo frases pelo que dizem e sim pelas letras que elas possuem, pois posso formar a mesma frase com letras diferentes e o contrário não é possível (cada letra tem o seu valor, individualmente). Mas hoje, meu olho passa por uma frase já pronta: **tem arte nas paredes**. Não me lembro de qual revista a retirei; provavelmente de algum folheto de exposição que eu fui. Posso divagar sobre possíveis significados desta frase por si só, mas não é esse o objetivo aqui. Apenas há arte na parede. E então há arte no papel, que pode ou não ir para a parede.

Deixo a colagem secando por alguns minutos, enquanto organizo meus materiais de volta em seu lugar. No chão, encontro uma fita de papel laranja, mais parecida com um fio de cabelo meu, cacheado e perdido por aí. Adiciono a fita na minha colagem, mesmo que eu ainda esteja em fase de experimentação com o uso de relevo em minhas criações. Volto ao momento de criação. Propositalmente ou não, observo que cada vez mais minhas colagens parecem mais com o eu do que com o outro.

Meus olhos passam por um recorte, que na verdade é um pedido de assinatura da Revista Geográfica Universal, onde você colocava os seus dados (ou de outra pessoa) e enviava via Correios, e depois recebia as revistas em casa. Na parte de trás do recorte, vejo o número “20299”, que me parece mais com o ano 2029. Acho curioso. No intervalo entre a parte superior e inferior da moldura da minha colagem, adiciono o “ano” da minha colagem: ano vinte mil duzentos e noventa e nove.

Por fim, despretensiosamente, guardo os recortes menores que estão na mesa. Encontro o recorte de uma formiga, que ganhei numa oficina de colagem ministrada por mim e que nunca usei, até agora. Brinco que ela é a moradora do castelo. Termino de guardar meus recortes e começo a trazer as pastas e revistas de volta para o meu quarto. Guardo também a cola, a tesoura, e limpo o pincel que usei para espalhar a cola. Penduro minha colagem no varal para que possa secar durante a noite.

E enfim, tem arte no varal também.



Colagem feita por mim, 2025.

### 3. COLA

#### 3.1. REVISTAS ANTIGAS

O início do século XX foi mundialmente um período de mudanças extremas. Eventos como a 1ª Guerra Mundial, a Revolução Russa, além do avanço tecnológico da época alteraram a percepção de muitos sujeitos sobre o mundo e sobre suas realidades. A arte também acompanhou as transformações, com o surgimento de movimentos artísticos e literários, mais conhecidos como as vanguardas europeias, que vieram a criar uma ruptura com a arte tradicional da época. Sobre o momento histórico em que as vanguardas estão inseridas, Goldenberg S. (2017) comenta:

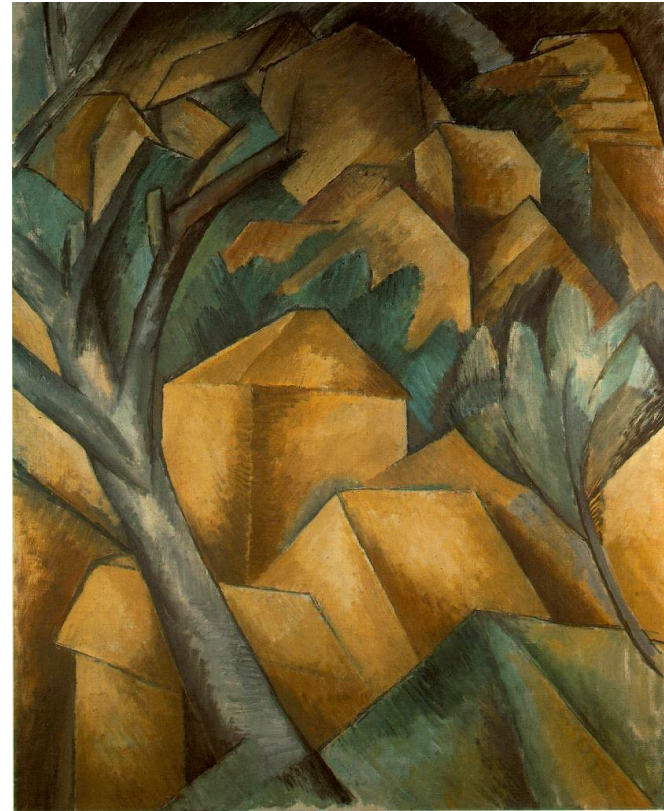
Com o advento da tecnologia, as consequências da Revolução Industrial, a Primeira Guerra Mundial e a atmosfera política que resultou destes grandes acontecimentos, surgiu um sentimento nacionalista, um progresso espantoso das grandes potências mundiais, e uma disputa pelo poder. Várias correntes ideológicas foram criadas, como o nazismo, o fascismo e o comunismo, e também com a mesma terminação “-ismo” surgiram os movimentos artísticos que chamamos de vanguardas. Todos pautavam-se no mesmo objetivo, que era o questionamento, a quebra dos padrões, o protesto contra a arte conservadora, a criação de novos padrões estéticos, que fossem mais coerentes com a realidade histórica e social do século que surgia (p. 3).

A partir desse cenário, existem dois movimentos artísticos importantes para a origem da colagem: o cubismo e o dadaísmo.

Dentro do cubismo, irei tecer algumas considerações sobre dois artistas, Picasso (1881-1973) e Braque (1882-1963). O movimento cubista pode ser considerado o primeiro das vanguardas europeias, e tem suas origens na França, no começo do século XX, com a obra *Les Femmes d'Alger (O J) (1911)* por Pablo Picasso, e *Maisons à l'Oestaque* (1908), de Georges Braque. A partir do rompimento com o tradicionalismo e noções já implementadas sobre o que era belo, do ponto de vista artístico, o cubismo representa não só uma ruptura que seria marcada na história da arte, mas também o início de uma nova perspectiva sobre o que poderia ser considerado arte.



*Les Femmes d'Alger* (1907) por Pablo Picasso



*Maison à l'Estaque* (1908), por Georges Braque

Alguns anos depois surge o dadaísmo, ou *dadá*, que se destacava por ser conhecido como um movimento “anti-arte”, utilizando-se de formas geométricas, tipografia ousada e obras provocativas. Como cita Richter (1993):

O Dadá, em oposição a outros estilos, não possuía características formais uniformes [...] Dadá resultou, inicialmente, num espelho bastante impreciso de si próprio. Entrementes, até mesmo este espelho espatifou-se. Mas, quem sequer tenha encontrado um estilhaço, sempre a imagem do Dadá será uma imagem pessoal sua, projetada a partir de suas convicções

estáticas ou pessoais, de suas concepções referentes à nacionalidade e à história de arte, e moldada por suas referências. Foi assim que Dadá se tornou um mito. (RICHTER, 1993, pg. 4)

É dentro deste movimento que a colagem, como a conhecemos, aparece. Faço aqui a distinção para *técnica* de colagem, que tem origem muito anterior ao cubismo e dadaísmo. A técnica de colagem era utilizada já no século XII, onde poetas japoneses escreviam em pedaços rasgados de papéis; encadernadores Persas costuravam imagens em faixas de pele de bode; emblemas armamentistas do século XVI e freiras europeias no século XVIII que criavam colagens religiosas de borboleta (CRAN, 2014, p. 11).

A colagem enquanto um modo de expressão artística consiste na junção de recortes e elementos de diferentes origens para a criação de uma nova imagem ou texto. O que a colagem representa é o (re)arranjo de elementos, outrora estáticos, frequentemente tocando em questões políticas, sociais e culturais. Segundo Richter (1993) “assim surgiram produtos que foram chamados de fotomontagens. Fizeram-se colagens com obscenidades políticas ou retratos, inventaram-se capas de livros provocadoras e uma nova tipografia que concedia liberdades à palavra, à frase inteira, desconhecidas desde os tempos de Gutenberg”.

No dadaísmo, em obras como *The Father* (1920) por Hannah Höch é possível ver que a artista utilizou-se de recortes e da reorganização dos mesmos, a partir de fotografias e imagens de revistas, como é de costume fazer nas colagens modernas. Trago, neste trabalho, a artista como referência primária de colagens do período dadaísta, por entender que é importante ressaltar que não havia grande espaço para mulheres no dadaísmo - muito menos na sociedade.



*The Father* (1920) por Hannah Höch



A Noiva/Pandora (1927) por Hannah Höch



*Sem título* (1930) por Hannah Höch

Em seus trabalhos, Hannah Höch frequentemente expõe suas inquietações relacionadas à como é vista pela sociedade na qual está inserida. Me inspiro muito em artistas como ela, não apenas pelo seu trabalho enquanto colagista, mas também pela coragem de lutar pelo seu espaço ocupado majoritariamente por pessoas do gênero masculino, tema esse recorrente até os dias de hoje. Quase um centenário após Hannah Höch dar voz às suas revoltas frente ao sexismo, ainda é necessário gritar para mantermos o (pouco) que ainda nos é dado.

Mesmo em um movimento de suposta ruptura com o tradicional, como definiram-se os dadaístas, o contexto social em que as mulheres estavam inseridas continuava o mesmo. Sobre Hannah e seus companheiros dadaístas, Lesso (2024) discorre que:

“Apesar das tentativas [de Hannah] em integrar-se com o grupo em seus saraus noturnos regulares, ela se deparava frequentemente com desgosto e negligência. Membro do movimento dadaísta Hans Richter a descreveu com termos paternalistas como “uma boa garota” com a “graciosidade parecida com a de uma freira,” citando-a em seu memorial\* como a glorificada garçonete, trazendo “...sanduíches, cerveja e café que ela de alguma maneira conseguiu evocar, apesar do pouco dinheiro.” (LESSO, 2024, tradução livre.)

A inconformidade com o contexto que se estava inserida é algo que me tocava - e ainda toca -, e utilizar a arte como forma de protesto também é o que me levou a iniciar meus trabalhos como colagista

## 3.2. COLAGENS/COLETIVOS

Nesta seção faço um breve enquadramento histórico da colagem para então apresentar uma série de colagens de minha autoria enquanto discuto seus contextos, para operar com a pergunta da minha pesquisa: como a colagem e o ativismo contribuem para a formação de uma bióloga e educadora?

### 3.2.1. Greve: é de quem?

Ministro minha primeira oficina de colagem durante a greve geral de 2024. Ao escrever esta seção, relembro das outras greves das quais participei, e sinto novamente a vontade de sonhar com o que a universidade pode ser. Memórias de construções de cartazes em papel kraft, das noites de primavera que passamos em reuniões, ou das assembleias universitárias - quase - infinitas me encham de felicidade e orgulho do que fiz e do que pode ser feito.

Não se pode cair no conformismo dentro de uma universidade pública, jamais.

A colagem, que antes era uma construção só minha, passa a ser coletiva. O conceito de coletividade, dentro de uma greve, está nos pequenos atos: a doação de itens para o café-da-manhã dos que dormiram na ocupação; a troca de turnos entre estudantes para que todos possam almoçar/jantar em tempo hábil; os grupos de trabalho que focam no lazer e bem estar dos que estão todos os dias na universidade. Sobre coletividade e greves estudantis, Gerevini (2025) comenta:

Sendo assim, percebe-se que as greves estudantis, como eventos de mobilização coletiva, exemplificam a interação entre diferentes aspectos da vida social e política. Esses movimentos não apenas refletem descontentamentos específicos relacionados às políticas educacionais ou condições de ensino, mas também revelam questões mais amplas sobre justiça social, direitos humanos, e participação democrática. (GEREVINI, 2025)

Preparo uma breve apresentação de slides para contextualizar a história da colagem. Poucas pessoas aparecem, a maioria amigos meus que reconhecem a importância que esse momento tem para mim. Sinto que, apesar do apoio, não

obtive sucesso na divulgação da oficina. Encerro a apresentação e alguém sugere que, ao invés da sala de aula, façamos a oficina no corredor do prédio; arte e cultura também fazem parte da universidade pública e não devem se esconder dentro de um quadrado.

Colocamos carteiras no corredor e mais pessoas chegam. O que antes eram seis pessoas rapidamente se tornam doze. Pessoas de outros cursos caminham até o Centro de Ciências Biológicas (CCB) para participar da oficina, migrando de seus centros e caminhando por novas calçadas, até então desconhecidas por elas. Estudantes da animação, pedagogia, design e de jornalismo constroem colagens lado a lado, situação esta que dificilmente aconteceria na inquietude de nossas rotinas tradicionais não-grevistas.

Estive afastada do movimento estudantil até então, principalmente por conta do trabalho. A ocupação de 2024, entretanto, retoma, dentre muitas coisas, a vontade de mudar uma ordem social que parecia imutável. Assim como na ocupação, a colagem representa a reorganização de elementos outrora corriqueiros ou estáticos para que, nessa nova organização, sentimentos aflorem. Ao modificar a ordem fazemos com que as imagens tomem uma posição, ressalta Didi-Huberman (2010).

Não se faz necessário instruções do que fazer na oficina, com exceção de um ou outro comentário de experiência própria. O que nos toca das imagens, frases e diagramação dos materiais que nos é disponibilizado se tornam caminhos a ser traçados pela nossa imaginação, reapropriando os elementos para uma nova realidade. Recorto imagens e as organizo na folha. Antes de colá-las, tiro uma foto, para registrar a forma como as imagens estão posicionadas. Nunca há só uma maneira de se organizar recortes, e o resultado final da colagem dificilmente é o que foi pensado de início, assim como minha oficina.

Me vejo então numa posição nova para mim: mostrar possibilidades num espaço de ensino. Pessoas me perguntam coisas sobre “como fazer isso” ou “qual a melhor forma de realizar aquilo” e logo um corredor bege sem vida se torna um mar de imagens e letras que outrora sentavam quietas dentro de uma revista. Uma pessoa que nunca vi na vida

me agradece pela oportunidade de estar presente na oficina, e eu, um pouco sem jeito, agradeço. Deixo que decidam se querem ficar com seus trabalhos ou expor as colagens nas janelas de vidro que nos cercam. A maioria decide por expor, e num fim de tarde nosso centro grita o que durante muito tempo esteve presente apenas em sussurros.



Colagens que realizadas na oficina e expostas nas portas de entrada do Bloco A do Centro de Ciências Biológicas (CCB)



### 3.2.2. Aurora do dia (Sala Lilás)

Quando nasci, recebi o mesmo nome que a minha avó materna: Tereza. Durante minha infância, isso não significou muito para mim - ainda não entendia muito bem o peso das coisas, e hoje carrego essa homenagem não apenas por carinho e respeito à minha avó, mas também como forma de luta. É difícil organizar qualquer junção de palavras que possa, mesmo que de maneira rasa, exemplificar as batalhas que a minha avó enfrentou. Uma mulher do campo, que apesar de muitas dificuldades de cunho social, financeiro e emocional, consegue sobreviver em meio à tanta violência que a cercava. Não apenas sobrevive como também vive e resiste: alegre, bondosa, sem medo de cair.

Dividimos o mesmo nome, e também algumas paixões: cozinhar receitas sem seguir as medidas, o apreço pela variedade de plantas que se pode ter num ambiente, o interesse pelos animais e seus costumes. O que nos separa são duas gerações, alguns quilômetros de distância e anos de luta a favor do direito das mulheres, fato esse que me possibilita erguer minha voz para a minha geração e também gerações futuras.

Em 2011 faço a minha primeira colagem. Não posso dizer que lembro o que despertou essa vontade em mim. Começo personalizando meus cadernos, e hoje enxergo que essa era uma forma de dizer “*eu estou aqui*” diante da tentativa de homogeneização escolar. Em plena pré-adolescência, o que eu posteriormente chamaria de “colagem” significava colocar meus pensamentos e reivindicações no papel de forma reservada, mas assertiva.

As reivindicações surgem discretamente. Um incômodo ao ver minha avó cuidar de tantas pessoas sem que ninguém a cuidasse. Comentários de objetificação por parte de homens da família sobre o corpo de uma mulher qualquer, e perceber que homens desconhecidos também se acham no direito de me objetificar. É claro, não saberia dizer na época o que a palavra objetificação significa, mas sabia a percepção de ser observada de longe, quase vigiada, cada vez que

saía de casa. O início de comentários sobre os nossos corpos entre amigas, aos poucos deixando as bonecas de lado. A sensação de ser amada pelas pessoas próximas a mim, mas ainda me sentir indesejada por não ser mais magra, mais delicada, mais bela. Inquietações que, para uma menina de doze anos generosamente introvertida, tiveram como destino a colagem.

Anos depois da primeira inquietude frente às injustiças presentes em meus arredores, posso dizer que me defino enquanto uma *feminista*, palavra esta que historicamente é utilizada como termo pejorativo. O feminismo brasileiro, em específico as movimentações da década de 1970 em diante, estão objetivamente interligadas com a resistência à ditadura. Sarti (2004) comenta que

“[...] embora influenciado pelas experiências européias e norte americana, o início do feminismo brasileiro dos anos 1970 foi significativamente marcado pela contestação à ordem política instituída no país, desde o golpe militar de 1964. Uma parte expressiva dos grupos feministas estava articulada a organizações de influência marxista, clandestinas à época, e fortemente comprometida com a oposição à ditadura militar, o que imprimiu ao movimento características próprias.”  
(SARTI, 2004)

Gosto de dizer que nenhuma mulher comportada mudou alguma coisa. Essas palavras, apesar de frequentemente serem ditas em tom de brincadeira, não deixam de carregar a verdade: ceder ao que nos é socialmente esperado (e imposto) não torna nossas vidas mais confortáveis. Calar-se frente à injustiça e desigualdade não me cabe; necessito falar, gritar, enlouquecer - como dizem, mulheres são seres emocionados. Pois que seja! Prefiro sentir emoções e guerrear pelo que acredito do que me tornar isenta esperando a maré brava passar.

Em setembro de 2025 ofereço uma oficina de colagem na Sala Lilás: Ocupação Aurora Furtado, no Núcleo de Integração Multicultural Popular Esportivo (NIMPE). A ocupação, que faz parte do movimento Mulheres Olga Benário, surge naquele mesmo ano; me aproximo da ocupação por meio de reuniões que fizemos junto do Coletivo Mítia Bonita, do

qual faço parte desde 2018. Fico feliz de saber que conexões como estas são possíveis dentro da universidade, e que podemos encontrar força na luta coletiva.

Já não há mais a inquietude que me habitava durante minha primeira oficina, mas ainda me questiono: será que vai chegar alguém? Quantas pessoas virão? Faltam dez minutos para o início da oficina e apenas duas pessoas estão na sala. Felizmente, conto com a presença de pessoas queridas, o que torna tudo mais leve. Reconheço que não posso controlar o fluxo de convidados para a oficina, mas por conta do amor que sinto pela colagem - e também pela importância que a oficina representa tanto para mim quanto para a ocupação -, me vejo ansiar pela imagem da sala repleta de papéis, vozes felizes e tubos de cola entreabertos.

Organizo - ou devo dizer, despejo - os materiais no centro da mesa. Minhas revistas que um dia mantinham sua estrutura firme hoje se apresentam molengas e com algumas folhas soltas. Pessoas chegam e se acomodam. Início meu discurso de sempre: façam o que quiser, evite usar muita cola líquida, não há certo ou errado aqui. Enquanto falo, mais pessoas chegam, e de repente uma sala com dez carteiras se torna pequena demais para nossa oficina. Estranhos criam laços ao dividir uma tesoura enquanto elogiam seus recortes. Busco mais carteiras no espaço ao lado, e um sentimento de contentamento me invade. Ouso pensar se o que eu gosto é de fazer colagens ou de ensinar pessoas a fazê-las.

Estamos em cerca de quatorze pessoas na sala. Vejo que todos estão engajados e confortáveis entre si, o que diminui minha ansiedade. Começo a focar então na minha colagem. Reviro revistas - algumas recém chegadas, trazidas pelos participantes -, e encontro a palavra DIVERSIDADE, em destaque, ocupando quase meia página. No contexto, "diversidade" refere-se à diversidade de animais presentes no cerrado brasileiro. Rasgo a palavra e a deixo separada.

Folheio uma revista de moda, e um bordado me chama atenção: seria ele o de uma pessoa caindo, ou um pescador jogando a tarrafa<sup>2</sup>?

Procuro por palavras ou frases e, em uma revista sobre moda, uma pequena frase me cativa: "me abraça!". Objetivamente, não existe nada chamativo sobre ela: está em caixa alta, negrito, cor preta. Mas algo sobre a emergência vinda do pedido de afeto físico, frequentemente colocado a escanteio em nossas rotinas individualistas, me coloca em cheque com o que estou fazendo.

A luta das mulheres não se faz apenas pelos meios diplomáticos. A luta das mulheres é espaço também para o direito ao lazer, o reencontro com outros, a partilha. Segundo Valle (2018):

Na agressividade ou na aparente alienação ou apatia, no consumismo ou na criação de novos comportamentos, na recuperação da tradição tanto quanto em seu abandono, a prática de lazer espelha a realidade cotidiana, a cuja dinâmica está associada, e a convivência da sociedade com ela, sob forma de conformismo, de revolta ou ainda de busca de superação. (VALLE, 1988)

A oficina, representante de gestos tão simples como uma mão que segura a tesoura, ou o riso em roda compartilhado em volta da mesa, reside nos espaços de resistência ao violento, à barbárie. Sentamos num semicírculo, horizontalmente, onde todos estão à altura de todos - inclusive a criança, que também participa da oficina conosco.

Os resultados que se compõem às margens (e ao mesmo tempo, no centro) de temas como empoderamento feminino, direito à educação, feminicídio. Não houve divulgação do tema da oficina (pois, oficialmente, não havia tema), mas nós sabemos qual é: combate à violência contra mulher. Compartilhando a reta em comum que nos tange, podemos respirar fundo e saber que não estamos sozinhas ou loucas. Resistir, romper, questionar, problematizar, desestabilizar,

---

<sup>2</sup> Rede de pesca de lançamento individual, circular e com peso nas bordas.

desterritorializar são verbos que, vivenciados, permitem conhecer a própria realidade, para buscar caminhos que a modifiquem (BONALUME, 2022). Nossa luta é verdadeira.



Colagem: Ocupação Aurora Furtado - Sala Lilás (UFSC)

#### 4. EXPÕE

Encerro esta pesquisa como uma colagista encerra seu trabalho: satisfeita, mas questionando as possibilidades do que o trabalho final poderia ter tido como resultado. Um recorte que foi fixado de maneira prematura no papel, ou letras caídas ao chão que acabam por ser descartadas. Retorno à pergunta inicial do trabalho: como a colagem e o ativismo contribuem para a formação de uma bióloga e educadora?

Início minhas considerações finais reconhecendo que existem lacunas na colagem que criei deste trabalho. No processo de elaboração, em seu esqueleto, houveram muitas dúvidas por minha parte. Afastei-me dele com frequência, como se a distância possibilitasse que a responsabilidade da escrita desaparecesse com o fechamento da aba do documento no qual escrevia. Me percebi relutante em acreditar que minha pesquisa importava para alguém além de mim mesma. Reconheço também que houveram caminhos nos quais não ousei pisar, e tantos outros que trilhei mas logo voltei. Esta é uma das possibilidades da pesquisa cartográfica: o poder de ir e vir, e de reconhecer qual o melhor trajeto para a criação de seu mapa. Foram muitas tardes de reuniões com Leandro, noites em que passei folheando livros tentando encontrar a palavra certa que me fugia, horas fitando a tela branca do documento.

Agora, enquanto finalizo as bordas do mapa que tracei, me sinto mais próxima de minha pesquisa do que jamais imaginei. É como se, durante mais de ano, eu não quisesse me entregar a ela; nos últimos minutos juntas, entretanto, me delongo em dizer adeus. Como dito por uma amiga num encontro qualquer de terça-feira, é preciso ditar o ponto final de uma pesquisa. Despedir-se do meu trabalho requer lidar com um certo luto do que foi, do que é e do que ele poderia ser.

Referente aos espaços formativos que frequentei e fiz parte, posso dizer que a universidade não se faz apenas com salas de aula e carteiras viradas de frente ao professor. As aulas possuem sua devida importância, assim como o encontro nos períodos de intervalo, a janta servida coletivamente no Restaurante Universitário, ou a fala cronometrada numa assembleia de curso.

Os espaços compartilhados de vivência e debate dentro da universidade, como os centros acadêmicos e coletivos, possuem extremo valor na formação não apenas de profissionais da educação, mas principalmente enquanto sujeitos atuantes na sociedade. Estes, aliados à um pensamento crítico pautado na empatia, oferecem também um exercício importante para nós professores: o exercício da escuta, do diálogo e da compreensão. Tradicionalmente o professor é colocado numa posição hierarquicamente superior, onde seu papel se limita a ser um mero transmissor de conhecimento. Mas quando se pratica escutar o outro, pensar sobre o outro e, mais importante, enxergar o outro, criamos então a chance de se sensibilizar com o mundo em que vivemos.

Ao nos rodear de novas perspectivas, muitas vezes dissonantes das que possuímos, podemos caminhar para um futuro mais justo, amável e igualitário para com os nossos pares. E como não se pode falar de sonhos e utopias sem pensar no nosso querido Paulo Freire (2000) “Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenho para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes.” (Freire, 2000, p. 14).

## REFERÊNCIAS

BONALUME, Caroline Rocha. Mulheres, lazer e família: atravessamentos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)**, n. 45, 1 jan. 2023.

CRAN, Rona. **Collage in twentieth-century art, literature and culture**: Joseph Cornell, William Burroughs, Frank O’Hara, and Bob Dylan. London: Routledge, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Pierre-Félix. **Mil platôs 1**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34/1995. 4ª reimpressão, 2006.

DO VALLE, Lilian de Aragão Bastos. O lazer como resistência. Rio de Janeiro: **Fórum Educacional**, v. 12, n. 4, 2020, p. 44–50.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 14.

GEREVINI, Victória Nicola. **Os Estudantes Não Mandam Flores: A greve estudantil de 1968 por melhores condições nas moradias estudantis da UFSC**. TCC (Graduação) - Curso de História, Departamento de História, UFSC, Florianópolis, 2025.

GOLDENBERG, Simone Paiva. **Análise de obras de Arte Visual no ensino de História; VANGUARDAS ARTÍSTICAS HISTÓRICAS: Dadaísmo, Construtivismo e Bauhaus**. São Paulo: FFLCH, LEMAD. 2017. Disponível em: <<https://lemad.fflch.usp.br/node/5435>>. Acesso em: 15 fev. 2026.

LESSO, Rosie. **Hannah Hoch: Rebel with a Cause**. 13 fev. 2024. Disponível em: <<https://blog.fabrics-store.com/2024/02/13/hannah-hoch-rebel-with-a-cause/>>. Acesso em: 03 jan. 2026

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009, p. 32.

RICHTER, Hans. **Dadá: Arte e anti-arte**. São Paulo: Oxford University Press, 1993, p. 4.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, 2009, p. 166–173.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. Florianópolis: **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 2, 2004. p. 35–50.

VIDAL, Waldomiro Nunes; VIDAL, Maria Rosária Rodrigues; **Botânica Organografia**. Viçosa: Editora FGV, 2006, p. 102.